

PATEO DO COLLEGIO: CORACÃO DE SÃO PAULO - nova obra de Hernâni Donato -

Beatriz Amaral

“E assim Nóbrega, em carta de agosto de 1532 ao rei (uma bênção e uma profecia sobre a cidade de São Paulo):

‘Trabalhamos para dar princípio a casas que fiquem para enquanto

o mundo durar’.

Amém!’

(Pateo do Collegio, p.272)

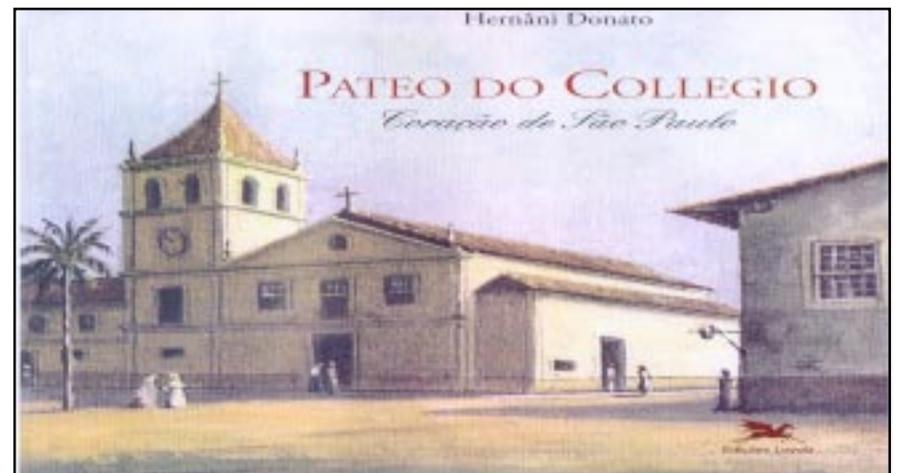
Lançado no dia 25 de janeiro de 2008, no 454º aniversário da cidade, em meio às comemorações e homenagens prestadas à metrópole, **Pateo do Collegio: coração de São Paulo**, de Hernâni Donato (Ed. Loyola, São Paulo, 2008, 280 p.), insere-se, desde logo, entre as mais preciosas publicações historiográficas concernentes à fundação da urbe paulistana e de sua vocação de grande centro multicultural, industrial e econômico. A vasta formação humanística do escritor, jornalista, historiador, biógrafo, roteirista e tradutor Hernâni Donato o qualifica, por certo, como o único autor possível de um volume de tal envergadura.

Como ficcionista, foi ainda na adolescência, em Botucatu, que Donato iniciou sua invejável carreira literária, pontuada por sucessivos prêmios, condecorações e distinções (*Prêmio Afonso Arinos*, da Academia Brasileira de Letras, 1977, *Prêmio Saci*, de cinema, Jornal O Estado de São Paulo, *Prêmio Joaquim Nabuco - 1988*, da Academia Brasileira de Letras, *Prêmio Especial da APCA – Associação Paulista de Críticos de Arte*, 1987, entre dezenas de outros). Os interesses culturais do jovem autor se expandiram e levaram a cursar Dramaturgia, na EAD (Escola de Arte Dramática), atual ECA, na Universidade de São Paulo, bem como a enveredar pela literatura infantil. Atuando como jornalista e publicitário, também se tornou um destacado romancista e contista, autor de “O livro das tradições” (1945), “Contos muito humanos” (1947), “Babel”

(1976), “Chão Bruto” (*) (1956) e “Selva Trágica” (**) (1960), os dois últimos adaptados para o cinema. Como biógrafo, Hernani Donato publicou “José de Alencar” (1954), “Plácido de Castro” (1963), “Galileu, o devassador do infinito” (1971), entre outros.

Um dos historiadores mais respeitados de sua geração, Donato escreveu inúmeras obras de História do Brasil, tornou-se um dos especialistas na Revolução de 1932, na História de São Paulo e presidiu, por duas gestões, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, sendo hoje presidente honorário da entidade.

A confluência destas múltiplas faces tornam especial o autor, e singular este seu precioso livro **Pateo do Collegio: coração de São Paulo**. Estruturado em trinta e um capítulos que correspondem a períodos históricos – os primeiros anos da fundação e períodos relevantes, como 1532 – *Era uma vez ... um paraíso*; 1549 – *Quando entra a Companhia de Jesus*; 1553 – *No ‘melhor lugar que se poderia escolher ...’: o pátio*; 1554 – *25 de Janeiro: São Paulo – ‘Não sabemos se há outra no mundo com origem tão bela’ (Manuel da Nóbrega)*; 1555 – *O áspero viver dos primeiros tempos*; 1556 – *Momentos em que tudo esteve em risco*; 1557 – *“Com suor dos nossos rostos...”: a segunda igreja*; 1560 – *A casa do Senhor Jesus*; 1561 – *Vila de São Paulo de Piratininga*; 1562 – *9 de Julho. Não existisse Tibiriçá, não existiria São Paulo*; 1566 – *‘Esplendor para São Paulo – a terceira igreja’*; 1670 – *O Colégio inspira um sonho ousado: Universidade no Pátio*; 1889 – *O pátio republicano, até chegar a 1976* – *22 anos durou a luta pela reconstrução da igreja*; e 2007 – *O Pátio: memorial da Companhia de Jesus*, o livro apresenta um relato minucioso dos acontecimentos que ensejaram a inauguração da cidade. Os capítulos se subdividem em fragmentos, todos didática e literariamente intitulados, facilitando a consulta e a pesquisa, por historiadores, professores e estudantes desta e de vindouras gerações.



Certos fatos históricos recebem destaque no livro, entre os quais a defesa liderada por Tibiriçá contra a invasão de uma confederação de tribos em 1562, a expulsão dos jesuítas em 1640, a instalação da Casa de Jesus, e a recorrente utilização do Pátio do Colégio como palco político (aclamação do governo provisório de 1822, instalação da República na Província de São Paulo, em 1889). Deve-se realçar o mergulho do autor na complexa controvérsia acerca da existência da fundação da cidade, confirmada por alguns estudiosos e negada por outros. No minucioso exame do tema, Donato faz referência ao pensamento de Hélio Abranches Viotti, Azevedo Marques, Taunay, Alfredo Gomes, Eugênio Egas, Paulo Florêncio da Silveira Camargo, Washington Luís, César Salgado, Wilson Maia Fina, Afonso Freitas e Manoel Rodrigues Ferreira, contrapondo-os.

Relevante a menção às atividades culturais que hoje se desenvolvem no local. Frisa o autor que quase um milhão de pessoas atualmente transitam pela área do Pátio, garantindo-lhe uma vibração própria, ativa e intensa como a de 1554. A Igreja do Beato Anchieta, o Museu Anchieta, o Auditório Manuel da Nóbrega, a Sala multimídia Manuel de Paiva, a Biblioteca Padre Antonio Vieira e o Café do Pátio atraem estudantes, profissionais liberais, agentes e funcionários públicos, e famílias em busca de maior conhecimento sobre a história de São Paulo e um belo passeio pelo seu marco de fundação.

Releva, observar, ainda, que a formação dramatúrgica de Hernâni Donato e sua experiência como roteirista de cinema se fazem visíveis no livro. Valorizado pelo belíssimo

projeto gráfico de Walter Nabas (a partir de tela de Benedito Calixto) proporciona ao leitor uma rica viagem pelo tempo, pelos meandros de uma sucessão de quadros históricos narrados com a literariedade dos grandes escritores, investigados, pesquisados e comentados com o senso analítico e sociológico dos verdadeiros historiadores. Fragmentos-fotogramas de história que evocam o âmago da urbe.

“Pateo do Collegio na tradição e nos documentos; Pátio do Colégio na modernidade em que se insere pelo querer do povo. Respeito ao ontem Pateo do Collegio: adesão ao hoje Pátio do Colégio. Sempre o Coração de São Paulo” (Hernâni Donato).

(*) *Chão Bruto* ultrapassou dez edições, tornando-se um dos grandes sucessos dos anos 1950. Na adaptação cinematográfica, H. Donato foi um dos roteiristas. O filme, de 1976, tem a direção de Dionísio Azevedo, e o elenco é composto por Maurício do Vale, Geórgia Gomide, Nuno Leal Maia, Regina Duarte, Adriano Stuart e Umberto Magnani, entre outros.

(**) *Selva trágica* foi adaptado para o cinema em 1964. Dirigido pelo cineasta Roberto Farias, tem produção de Herbert Richers, direção de fotografia de José Rosa, música de Luís Bonfá. Estão no elenco os atores Reginaldo Farias, Maurício do Vale, João Ângelo Labanca, Rejane Medeiros e Aurélio Teixeira.

Referências bibliográficas: 1. Bernardet, Jean-Claude – *Brasil em tempo de cinema – ensaio sobre o cinema brasileiro de 1958 a 1966. (Companhia das Letras, 2007, São Paulo)*. 2. *Portal do Sesc – “Um contador de muitas histórias” – entrevista de Hernâni Donato à jornalista Cecília Prada. <http://sescp.org.br/sesc/revistas>*

Beatriz Amaral é escritora, crítica literária e diretora da União Brasileira de Escritores.

A Obrigatoriedade de Bibliotecas em Pequenas Cidades.

A Câmara dos Deputados está analisando o Projeto de Lei 2033/07, proposto pelo deputado Clóvis Fecury (DEM-MA), que dispõe sobre a obrigatoriedade de instalar bibliotecas, com acervo mínimo de 2 mil exemplares, nos municípios com população igual ou superior a 100 mil habitantes. O projeto tem como objetivo ampliar o acesso a um acervo bibliográfico variado destinado à população das pequenas cidades.

O projeto, de caráter conclusivo de tramitação, está sendo analisado pelas comissões de Educação e Cultura e de Constituição e Justiça e de Cidadania.

O deputado Clóvis Fecury considerou um avanço os resultados do Programa Fome do Livro, que foi criado pelo Ministério da Cultura e pela Fundação Biblioteca Nacional em 2003 com o objetivo de expandir a rede de bibliotecas públicas. Entretanto, o deputado defende a criação de uma lei que permita o crescimento do número de bibliotecas públicas de forma sistemática e continuada, sem depender de um programa de um governo específico.

Os interessados em acompanhar a tramitação do projeto poderão fazê-lo através do site da Câmara dos Deputados, no link <http://www2.camara.gov.br/proposicoes>

Segundo notícia publicada no site da Câmara, para o deputado, a universalização do acesso ao livro e à leitura é componente essencial para a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Parabenizamos a inciativa do deputado Clóvis Fecury. Esperamos que seu projeto seja aprovado em breve para que a população de pequenas cidades possa se beneficiar e ter acesso aos livros.

CUPOM DE ASSINATURA

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Bairro: _____ CEP: _____

E-mail: _____ ☐ : _____

Assinatura Anual: R\$ 42,00 - Semestral: R\$ 21,00

Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 902 -

São Paulo - SP - 03062-000 - Telefax: (11) 6693-0392

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - **Site:** www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal (MTB: 18194)

Rua Herval, 902 – São Paulo – SP – 03062-000

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

Publicidade: Rosani Abou Adal – Telefax: (11) 6693-0392

CGC: 61.831.012/0001-52 – **CCM:** 96954744 – **I.E.:** 113.273.517.110

Distribuição: Encarte no jornal *A Tribuna Piracicabana*, distribuído em livrarias, faculdades, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes, espaços culturais e bibliotecas.

Impresso nas oficinas de *A Tribuna Piracicabana* - R Tiradentes, 647
- Piracicaba – SP – 13400-760

Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.

A VIDA BOÊMIA DO MEU TEMPO

Paulo Bomfim

A primeira incursão na noite foi feita em companhia de meu primo mais velho. Estreando as calças compridas entrei clandestinamente no Imperial, o “cabaret da belle époque” paulista. Sua dona Bianca Perla era um documento vivo dos fastos de nossas madrugadas. O Imperial com seus camarotes, sua frequência de coronéis do café e cocotes francesas, desapareceria pouco depois dando lugar ao Cine Ópera. Nos fundos, o Teatro Apoio onde desfiliavam companhias estrangeiras e artistas nacionais: Raul Roulien com seus tangos, Procópio com sua ironia, Genésio Arruda com sua graça cabocla.

Conseguíamos ser boêmios e esportistas ao mesmo tempo. O remo no Tietê, o boxe com Waldemar Zumbano e Kid Jofre, a natação com Sato, a ginástica com Delaunay, entremeados com o chope do Franciscano e do Pingüim, com o mexidinho e o bauru do Ponto Chic e com as brigas no OK e no Tabu.

As proezas do Jaguaribe e de seu bando ainda ecoavam no Juca Pato e outros bares da São João. Jorge Ferreira, o “Sangue Azul”, o “Vavá”, o Tenente “Mineirinho”, o Castelão e sua turma, viravam a madrugada pelo avesso. Anúncios luminosos gritavam em cores o nome de seus pecados: “Albergue da Mariana”, “Pássaro Azul”, “Wunder Bar”, “Tropical”, “Salão Verde”. A Praça Julio de Mesquita era a fronteira agreste entre a boêmia elegante e o basfond. As balalaikas do “Rostoff” haviam se passado para o “Rialto” na Rua Vitória. Paulo Vanzoline e eu dividíamos as honras da poesia naquela região proibida. Ele no “Bar Boêmio” da Rua Aurora e eu, com meus companheiros da Faculdade, no “Rialto”. Mais para baixo ficava o bar “Marfim”, gerenciado pelo Rosário que possuía mais cultura literária do que todos nós. Na Aurora também os bares “Rio Branco”, “Tico Tico”, “Internacional”. Na Rua dos Gusmões o “Mickey Mouse” e o “Lanterna Mágica”, tinham ligação direta com o Gabinete de Investigações onde terminavam todas as desordens. Comíamos pizzas no “Gigeto” e no “Spadoni”, no “Batista” da Praça da República e no “Giordano”! Macarrão no “Viareggio”, no “Corso” e no “Tebaida”, e filé no “Moraes”, que nessa época funcionava na Conselheiro Crispiniano. Discutíamos o Lobo da Estepe no “Palhaço”, namorávamos na “Vienense” e na “Selecta” ao som de Valsas de Strauss, convivíamos com a música popular no “Parreirinha” e no “Simpatia”. Depois seria na “Yara” e no “Escócia” com fundo de “La vie en rose”. Os bailes da Madame Poças Leitão, da “Hípica”, do “Paulistano” e do “Harmonia” e as festas em casa de Paulo Assumpção faziam parte do roteiro da mocidade. Carnaval acabava sempre no

“Odeon”. Frequentávamos saraus em casas respeitáveis, jogávamos bidu no “Supremo” em companhia do Peru Martins Ferreira, do Bebê Amaral e do Antoninho Rocha Campos, o “Kid Metalhadora”. No “Hungria” e no “Bar Viaduto” enquanto as orquestras tocavam, conspirava-se contra a ditadura de Vargas.

Hermano Ribeiro da Silva, morrendo nos sertões do Araguaia, transformasse numa lenda. O “Candy” era o primeiro passo sentimental na conquista das bailarinas que visitavam nossa capital. E havia também o chá do “Mappin” e da “Casa Alemã”, com galanteadores à porta e elegantes em trânsito. O “Clubinho dos Artistas” nasceria bem mais tarde no Edifício Esther, engatinhando na Barra de Itapetininga, e envelhecendo na Bento Freitas.

Vida contraditória, geração que se perdia e se encontrava nos descaminhos da política e da boêmia. A vida social nas casas das “madames” da época era importante. Tínhamos sempre encontro marcado na “Dadá”, na “Amélia Preta”, na “Geny das Tranças”, na “Rosinha”, na “Yara”, na “Ceci”, na “Francina”, na “Roberta”, na “Mathilde”, na “Dulce” ou na barra pesada do Bom Retiro onde a Paulete, cultíssima, declamava Verlaine e me deu de presente a “Introdução à Antropologia” de Ralph Lynton. Nesses locais discutia-se poesia e filosofia entre um romance e outro.

Encontro Juliete no Viaduto. A grande amiga dos boêmios confessa estar com oitenta anos. Beijo em seus cabelos brancos, as derradeiras neblinas de minha Paulicéia desvairada.

São Paulo modificava-se. A boate invadia a vida noturna. Apareciam o “Roof” de “A Gazeta”, o “Jequiti Bar” e o “Oásis” povoados de beleza e de classe. A noite tomada por tias, primas e amigas da família, civilizava-se e deixava de ser livre.

Uma década depois, sobreviviam apenas o “Siroco” da Branca, a dama da madrugada, e o “Refúgio” de Nenê Pé de Anjo.

Na “Livraria e Salão de Chá Jaraguá” é criada a “Revista Clima”, sofisticada e culta.

Surge o “Nick Bar”, o último lugar inteligente da antemanhã. Ao som de seu piano encerra-se um ciclo de loucuras adoráveis. O espelho me diz que é hora de tomar juízo. Nunca mais quero ouvir a voz de um espelho. É tempo de recordar.



Paulo Bomfim é escritor, poeta e membro da Academia Paulista de Letras.

O luar sobre Jerusalém

Rodolfo Konder

Na fria noite de Jerusalém, a lua cheia ilumina a cidade. Destacam-se as colinas da Judéia, os bairros de pedra que sobem as encostas, o imponente prédio do Parlamento, o Knesset, e as muralhas da Cidade Velha, cercadas de canteiros, parques e jardins.

Essa mesma lua se debruçou, 3 mil anos atrás, sobre o templo do rei Salomão, filho de Davi, que já fizera de Jerusalém a capital do seu reino, em 1003 a.E.C. Quatro séculos depois, chegaram os babilônios, sob o comando de Nabucodonosor. No implacável xadrez do destino, Deus movia os jogadores, que, por sua vez, moviam as pecas, as vezes derrubando-as com fúria incontida. Os judeus regressaram, vieram os romanos e os bizantinos. Templos se acumularam sobre os templos. Estiveram ali os muçulmanos, os mamelucos, o Império Britânico. A cidade ficou dividida, entre 1948 e 1967, como um corpo dilacerado pela intolerância dos homens. Então, Jerusalém foi reunificada, e se tornou a capital de Israel, que agora vejo, suave e prateada.

Estou diante de um muro enorme, o único que ficou do segundo Templo. Ele é conhecido no mundo inteiro como o Muro das Lamentações. Do lado direito, as mulheres fazem as suas orações. À esquerda, os homens rezam. Toco as pedras milenares e sinto uma emoção desconhecida. Uma emoção atávica, profunda, que nasce da minha ignorada ancestralidade. Abaixo a cabeça e sinto o pulsar das pedras. "Há homens com o coração de pedra, e há pedras como o coração dos homens", explica o meu guia, Yosef Arad, coronel reformado do Exército de Israel. "Estas pedras aqui possuem um coração humano".

A mesma luminosidade mágica que abre aos olhos a noite de Jerusalém revelou, 3 mil anos atrás, a presença do audacioso rei Davi, nestas colinas adormecidas. Depois, iluminou o rei da Babilônia. Nabucodonosor, e Ciro, o rei dos persas. Desenhou-se nestas encostas o perfil de Alexandre, o Grande. O luar mostrou a vitória de Judá, o Macabeu, sobre os seleucidas. Pompeu

impôs ali a lei de Roma. Herodes governou com habilidade. As legiões romanas de Tito reconquistaram a cidade e destruíram o segundo Templo, ao fim de um pequeno hiato de liberdade, iniciado em 66 E.C. O imperador Constantino; o califa Omar, Saladino, o Curao; Suleimão, o Magnífico; o general britânico Allenby – são personagens de um longo percurso de divergências e convergências.

O luar que agora se derrama sobre a Jerusalém que sozinha, também cobriu cenas de extrema violência, ao longo dos séculos. Combates corpo a corpo, gente mutilada pelas espadas do ódio, a destruição de templos, incêndios e terremotos. Mas ele iluminou igualmente o encontro das três maiores religiões monoteístas – o cristianismo, o judaísmo e o islamismo. Aqui, Davi converteu a cidade na pedra angular da religião e do culto, assim como da unificação nacional de Israel – Terra de Israel, Sion, Palestina, Terra Prometida ou Terra Santa. Aqui, o profeta Maomé subiu ao céu. Aqui, Jesus Cristo viveu o seu mistério e a sua paixão, morreu e ressuscitou. Entre os lugares que atraem devotos e peregrinos dos cinco continentes estão a Mesquita de Omar, com sua cúpula dourada; Yad Vachem, o Memorial dos Mártires do Holocausto; o Jardim do Getsemani; o local da última Ceia; a Via Dolorosa, com suas 14 estações; e a Basílica do Santo Sepulcro (335), danificada por um incêndio, em 1833, e por um terremoto, em 1926, mas recentemente restaurada.

As pessoas chegam em silêncio, ajoelham-se e beijam um ponto assinalado no chão. Ali, dois milênios atrás, Cristo foi crucificado. Posso ver partes do Gólgota, como feridas abertas, cirurgias inconclusas, por onde Cristo passou. Desço um lance de escadas, nesta sombria mistura de templos, tempos e estilos, para conhecer o lugar onde lavaram o seu corpo. Depois, entro na gruta em que o enterraram, como era costume da época. "Somos a nossa memória", disse Jorge Luis Borges. Na verdade, somos uma história ainda mais longa, um percurso atávico e misterioso, que mergulha nas areias dos séculos e nas paixões insondáveis dos que vie-

ram antes de nós. Hoje, Jerusalém é uma síntese fantástica do passado e do presente, da tradição e da modernidade, da conservação e da renovação. Lea Welsman nos mostra isso, num passeio pela Cidade Velha. Nos últimos cem anos, Jerusalém transbordou, se espalhou pelas colinas em volta. Há vida cultural intensa no Centro de Artes Cênicas, muito movimento no Centro Internacional de Convenções. No Instituto Cultural Israel-Ibero América, Netanel Lorch e Yosef Arad tomam iniciativas ousadas, na busca de maior intercâmbio com outros países. Em sua casa, Oded Sverdlik escreve ensaios e poemas.

Dan Ronen, diretor da Divisão de Cultura e Artes do Ministério da Cultura, fala com rara coragem da realidade de Israel, ponto de encontros e confrontações: "Nossas contradições começam quando dizemos que somos um povo feito a imagem e semelhança de Deus, embora saibamos que Deus não tem imagem". Ele discorre sobre os conflitos entre uma visão teocrática e uma visão democrática do Estado, a partir do assassinato de Rabin por um israelense fanático. "Aqui", diz Ronen, "não temos uma guerra entre a verdade e a mentira. Temos uma guerra entre duas verdades". Faz parte da cultura judaica o questionamento, a indagação, a dúvida, a procura do sentido das coisas e do sentido da vida.



Rodolfo Konder é escritor, jornalista, Diretor Cultural da UniFMU e conselheiro da União Brasileira de Escritores.

Uma Promissora Estréia

Ronaldo Cagiano

Entre a invenção e a memória, Eltânia André construiu um livro sutil e instigante: *Meu nome agora é Jaque*. O volume recém-lançado reúne 26 textos, narrados em primeira pessoa, que têm como fio condutor o personagem Tizé, um narrador onisciente, que vai desfilando o rosário de histórias, muitas delas (re)colhidas no cotidiano de suas experiências pessoais.



Tizé, na verdade é "Jaque", o heterônimo que nasce a partir de um bordão – "já que..." – repetido pelo próprio personagem, um homem na casa dos 70 anos, que após a aposentadoria vai sendo tratado na história como um faz-tudo e adota o apelido, inclusive, como atitude irônica diante das próprias circunstâncias.

Nessa estréia, Eltânia André, mineira de Cataguases, atualmente radicada em Barbacena, oferece ao leitor uma prosa cristalina e permeada de sutilezas. Incursionando entre o conto e a crônica, traz relatos perpassados por fino humor e leve ironia, ao extrair da própria realidade, situações às vezes banais, às vezes bizarras, mas enriquecidas por uma construção que não prescinde da necessária dose de poesia, lirismo e humanidade.

Tizé apresenta um mundo com suas multifacéticas vozes, revelando um território de am-

plas ambientações geográficas e psicológicas, em que a relação do autor e do narrador com o mundo e as pessoas se traduz numa delicada simbiose. E nesse trânsito quase onírico, acabam por provocar o leitor com seus influxos analíticos e lampejos filosóficos quando aborda os acontecimentos, descreve situações incomuns cenas inusitadas e nos pequenos dramas ou alegrias, que na sua apa-

rente transitoriedade ou instantaneidade guardam um sentido atemporal, porque abrigam a própria essência do homem.

Meu nome agora é Jaque, embora destinado pelo narrador a constar histórias comuns, recolhidas do imaginário doméstico ou garimpados do inconsciente coletivo, não se converte num livro de "causos", como alguns equivocadamente pensam enquadrá-lo. São verdadeiramente relatos de vida e experiência, que, embora tratados na obra com a naturalidade, a singeleza e a peculiaridades própria das narrativas orais, contêm um fluxo e uma linguagem formalmente bem urdidos, oferecendo ao leitor uma prosa de alto nível. É um livro pra o prazer da leitura, que revela uma autora em pleno domínio de seu ofício, sinalizando uma promissora carreira.

Ronaldo Cagiano é escritor e crítico literário.



S e b o

Livraria Brandão

Comram-se bibliotecas e lotes de livros usados. Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l
Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos) Ramal 23
oldbook@terra.com.br - www.lbusedbookshop.com.br

LIVROS ESQUECIDOS II

Maria Lúcia Silveira Rangel

Ciro dos Anjos (1906) tem uma obra de ficção que embora pequena é bastante significativa. Seu primeiro romance "O Amanuense Belmiro" (1937) foi recebido com elogiosas críticas pelo meio intelectual. Entre sua produção podemos destacar "Abdias" (1945), romance passional, "Explorações no Tempo" (1952), deliciosa autobiografia, "Montanha" (1956), romance sobre o meio político.

"O Amanuense Belmiro" apresenta toques machadianos, pela profundidade, pela mansa ironia e, sobretudo, pela capacidade de construir uma narração onde os acontecimentos exteriores são mínimos, em face da enorme análise subjetiva, como consegue o autor de "D. Casmurro".

Já em "Explorações no Tempo" aproxima-se de Guimarães Rosa, talvez pela identidade de ambiente, o interior mineiro, e pela abordagem de personagens e costumes.

Em "O Amanuense Belmiro" temos uma narrativa feita à maneira de um diário do escrevente Belmiro que trabalha na Seção de Fomentos de uma Secretaria, para desgosto do pai que tinha sonhado para o filho um futuro brilhante.

Na rotina miúda, sem grandes lances dramáticos, surgem observações interessantes através da ótica do personagem que se denomina "velho profissional da tristeza" (p. 60).

No romance encontramos o lirismo, introduzido pelas personagens Camila, namorada da juventude, já morta, e Carmélia, pela qual concebe uma paixão platônica feita de sonhos e decepção final.

O humor está presente no capítulo de sua prisão, quando dialoga com ladrões de galinhas.

A descrição dos colegas e amigos com suas características é conduzida com ares entre irônicos e pitorescos: Redelvim, "anarquista", Silviano, "o homem da hierarquia intelectual e da torre de marfim", Glicério, "com tendências aristocráticas", Florêncio, "tranquilo

pequeno burguês de alma simples que não opina", Jandira, "socialista". (p.174)

A convivência com as irmãs semi-dementes Francisquinha e Emília aprofunda o personagem pela preocupação e carinho em relação a elas.

"Pobre manas. Emília é apenas uma esquisita, mas Francisquinha, perturbada de nascença, vai de mal a pior. Foi este o grande desgosto que ensombrou os dias do velho Borba e da velha Maia." (p. 14)

"Quando Borba morreu (a velha Maia partiu bem antes) e a fazenda foi à praça, recebi-as como herança." (p. 14)

"... elas encheram minha vida e Emília é, nesta casa, uma presença vigorosa e viril, que restabelece a atmosfera moral da fazenda." (p. 14)

Alguns fatos tristes como a morte de Francisquinha e do tenente, que fazem parte da normalidade da vida.

As recordações transitam entre o presente na rua Erê e o passado em Vila Caraíbas.

Enfim, um invulgar romance que às vezes aparece como leitura obrigatória nos vestibulares e aí fica, como livro esquecido, apesar das fundas sondagens dos sentimentos e idéias de Belmiro, em um estilo que revela a cultura do autor, entrelaçado com a melancolia e o desencanto.

Maria José Dupré (Senhora Leandro Dupré) é a nossa Margaret Mitchell. Tal como a autora norte-americana com seu livro "...E o vento levou", a obra literária de Maria José Dupré é tão atrativa que prende o leitor até o final do romance.

Ignoro se ainda perduram ecos do retumbante sucesso literário de Margaret Mitchell, o mundo atual se caracteriza pela velocidade, valendo apenas o hoje que será obumbrado pelo amanhã inexorável..

A nossa escritora com seus inegáveis méritos parece um tanto esquecida e nada é mencionado sobre seus romances que alcançaram grande sucesso na época em que foram escritos, tendo sido "Éramos seis" transformado em novela e em filme argentino.



Ciro dos Anjos

Seu estilo, com notável poder descritivo, a trama conduzida antes pelos diálogos vívidos que pelo aprofundamento íntimo, traduz, no entanto, uma real agudeza no que se refere ao conhecimento psicológico e à sensibilidade dos personagens.

"Luz e Sombra" é um romance do tempo do Império e pois histórico, podendo-se afirmar que é um painel da sociedade brasileira que se desenrola no século XIX.

Projeta o patriarcalismo reinante, quando os jovens se casavam segundo a imposição paterna, estivesse ela certa ou não, como por exemplo o mal sucedido casamento de Francisca Miquelina; a desaprovção paterna pelo matrimônio de Lourenço com uma moça de posição social inferior e de Inácio com uma italiana.

O problema do concubinato entre os proprietários das fazendas e as escravas é mostrado no caso de Rodolfo com a mulata Ambrosina, na descabida paixão de Fernão pela filha do feitor, Estefânia, que apesar de não ser escrava é uma cabocla analfabeta, criando um impasse dramático pela submissão da esposa, que não tem poder para lutar contra a situação humilhante.

A Guerra do Paraguai é mencionada através das angústias de parentes que tiveram os filhos mortos ou desaparecidos.



Também os movimentos políticos no Brasil com a menção de figuras ilustres como o Imperador D. Pedro II e dos abolicionistas em suas lutas pela emancipação da escravatura e, finalmente, a Lei Aurea assinada pela Princesa Isabel

preludiando a queda do regime monárquico.

"- Nabuco determinou a data da abolição total para o primeiro de janeiro de 1890. Duvido que consiga; é loucura, absurdo." (p.244).. "..."Patrocínio, o rosto transformado pelo delírio de ver sua raça libertada, caiu chorando aos pés da princesa, exclamando "Minha alma sobe de joelhos nestes Paços."(p 282)

"Rebouças atirava-se nos braços de Taunay: " La joie fait peur."(p. 282)

Mais um livro que merece ser lido pois além da trama romântica consegue o interesse do leitor pelos fatos históricos abordados.

Bibliografia:

Anjos, Ciro Versiani dos – "O Amanuense Belmiro", São Paulo, Edições Saraiva S.A., 1949.

Dupré, Maria José – "Luz e Sombra", São Paulo, Edições Saraiva S.A.,1958. Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa - Enciclopédia de LITERATURA BRASILEIRA, volume I, São Paulo, Global Editora, 2001.

Maria Lúcia Silveira Rangel é escritora e crítica literária.

Especializada em importação direta de livros portugueses.



Livros de todas as áreas de editoras portuguesas, Cds, artesanato e galeria de arte.

Desconto de 10% para advogados, juristas, professores e estudantes.

Aceitamos encomendas de livros de editoras nacionais.

Prazo de entrega: 15 dias.

**Galeria Louvre, loja 20 - Av São Luis, 192 - Centro - São Paulo -SP
E-mail: livrariacoimbra.pt@ig.com.br
Tel.: (11) 3120-5820 – Telefax: 3258-9105**

Vestibular & Concursos

Sonia Adal da Costa

1- Assinale a correta:

- a – A questão não tem nada haver comigo.
 b – Ela era meia louca.
 c – Vive às custas do pai.
 d- Tratam-se dos melhores profissionais.
 e- Nenhuma das alternativas.

Resposta: e

Correção:

- a- Não tem nada a ver comigo.



- b- Ela era meio louca, pois meio é advérbio e não varia.
 c- Vive à custa do pai. Use também em via de. Exemplo: Espécie em via de extinção.
 d- Se houver preposição depois da partícula **se**, o verbo ficará no singular.

2- Ele foi taxado de ladrão – certo ou errado?

Resposta: Errado. Tachar é que significa acusar de, portanto foi tachado de ladrão.

Sonia Adal da Costa, professora de cursos preparatórios para concursos públicos e vestibular, formada pela Universidade de São Paulo, é pós-graduada em Teatro Infanto-Juvenil pela Universidade de São Paulo.

E-mail: portsonia@ig.com.br

SONETO ALQUÍMICO PARA LUÍS AUGUSTO CASSAS

Jorge Tufic

Para ser ouro ajunta-te aos metais
 quer sejam eles de que origem for;
 vão-se contigo as letras e esse ardor
 que transmuda o silêncio em catedrais.
 Vão-se contigo os Nomes ancestrais,
 arquétipos do Arquétipo, Senhor
 do mercúrio e do enxofre ao contrapor-se
 aos aleijões dos ciclos anormais.
 A alquimia é uma dança; corpo estático
 ela atinge seu grau de plenitude
 entre o sétimo céu e o mundo prático.
 Do ser que busca e acha o seu destino,
 transforma-se a velhice em juventude,
 fica o velho por conta do menino.

Jorge Tufic, escritor, poeta e jornalista, é membro da Academia Amazonense de Letras, da União Brasileira de Escritores e do Conselho Estadual de Cultura.



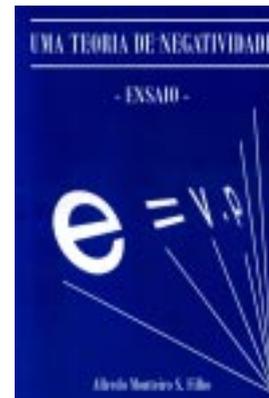
NEGATIVIDADE E VERDADE

Caio Porfírio Carneiro

Alfredo Monteiro S. Filho, além de ficcionista, cronista e poeta de real valor, de talento criador personalíssimo, é um ensaísta notável, porque transforma o estudo que aborda numa exposição simples, sem ser fácil. E é aí onde está o difícil do ensaísta, em qualquer um deles: livrar o texto das asperezas quase ilegíveis, tão comuns na maioria. Recordo-me de quando compulsei o primeiro volume de **O Capital**. Marx afirmava, de pronto, que iria desenvolver o seu texto bem claramente, e eu me embaralhei logo nas primeiras páginas.

Claro que isto não vem como uma comparação. É que a cautela me toma de surpresa sempre que leio ensaios. E como leio e li tantos, sobre os mais variados assuntos, ao decorrer da vida, e não escapei de escrever alguns, resguardando-me um pouco ao início da leitura de qualquer um.

Mas pouco vimos, como em Alfredo Monteiro S. Filho, abordar e desenvolver tema complexo, com tanta sutileza de trato. Seu trabalho anterior **A Hierarquia do Universo** é uma beleza. E este – **Uma Teoria de Negatividade** (Pirassununga, SP, 2007), alcança a Teoria da Relatividade, de Einstein, a física quântica, o campo da velocidade e tempo, a natureza da luz e os meandros da sua composição, chega ao Big Bang, numa ciranda geral sobre a essência material do Universo. É uma aula de como expor idéias e pontos de vista pessoais, numa naturalidade como em roda de amigos. É o seu lado de ficcionista que aflora, porque sabe



como lidar com as palavras. Nada é doutoral. O autor não se apresenta como senhor de matéria tão “cósmica”. Mas discordo quando ele afirma que o que afirma tem muito de fantasia. Pode ser. Mas para nós, leigos na matéria, são fantasias bastante curiosas. É o que pensa o autor que, sem ser do ramo, estudou muito esses enigmas do Universo. Ao longo da existência humana, quantas verdades vi-

eram ao vivo de sonhos como estes. Há de se ver ainda a modéstia do médico e do escritor voltando-se para esses abismos de Deus. Digase, ainda, que o autor é fascinado pelo tema, estudioso da física e seus desdobramentos. A bibliografia que se segue ao ensaio não é pequena.

Alfredo Monteiro palmilha com muita elegância o que escreve, no campo da arte escrita ou não. No fun-

do, é um perpétuo inconformado diante das verdades estabelecidas e aparentes. E isto é o que importa. E é isto que dimensiona, para mais, um espírito criador e palpitante em chegar à Verdade verdadeira de tudo.

Se há mais mistérios entre os céus e a Terra do que sonha a nossa vã filosofia, este escritor envolve-se neles para descobri-los por dentro. Se nem assim pensa que não contribui com nada, inversamente contribui muito, trazendo ao vivo este ensaio **Uma Teoria de Negatividade**.

Afirmo sempre que é de espíritos assim, inconformados e pertinentes em busca da Verdade, que provam que a própria Humanidade vale a pena.

Caio Porfírio Carneiro é escritor, crítico literário e Secretário Administrativo da União Brasileira de Escritores.



PRÊMIO LITERÁRIO LIVRARIA ASABEÇA
 Categorias Poesia, Conto/Crônica e Infantil

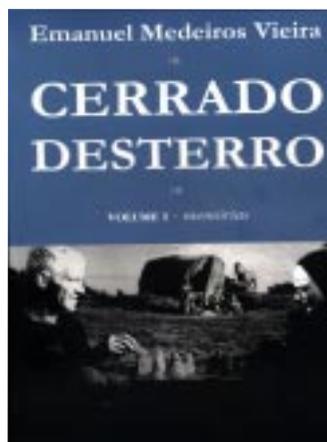
2008

Inscrições até 30 de junho de 2008

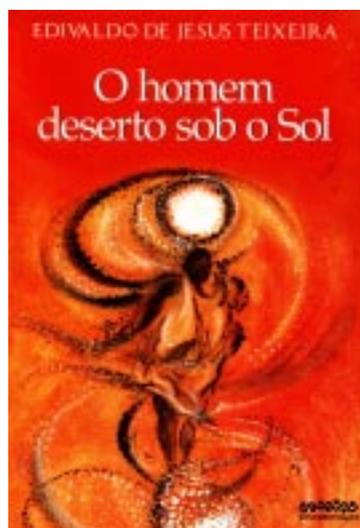
Regulamento, Ficha de Inscrição e Prêmios no site:
www.concursosliterarios.com.br

Mais informações:
 (11) 3031-3956 - asabeca@asabeca.com.br

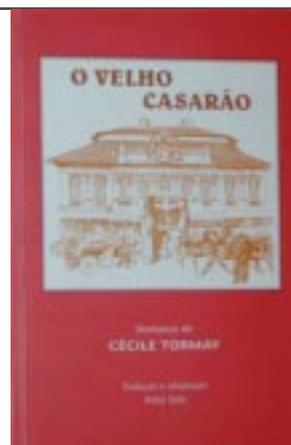
Livros e Lançamentos



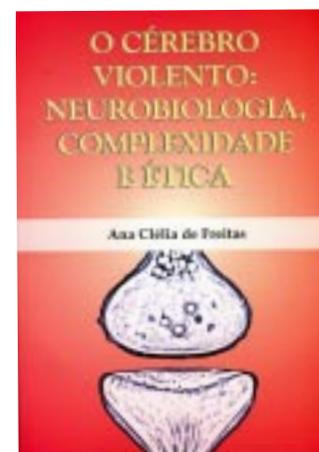
Cerrado Desterro, volume I, memórias, de Emanuel Medeiros Vieira, Thesaurus Editora, Brasília, DF, 382 páginas. O autor, escritor, poeta, novelista, contista e advogado, foi laureado com o *Prêmio Brasília de Literatura*, da Fundação Cultural do Distrito Federal, com o livro de contos *Tremores*. Emanuel Medeiros Vieira foi considerado, em Santa Catarina, o melhor escritor do ano, em 1976; e agraciado com o *Prêmio Othon Gama D'Eça*, da Academia Catarinense de Letras, com o livro de contos *Os Híppies Envelhecidos*. A obra reúne textos, narrativas, poemas e prosa do autor e depoimentos de autores, críticos literários e amigos sobre o autor de *A Revolução dos Ricos*. **Thesaurus Editora:** SIG Quadra 8, lote 2356 – Brasília – DF – 70610-480. Tel. (11) 3344-3738. Site: www.thesaurus.com.br



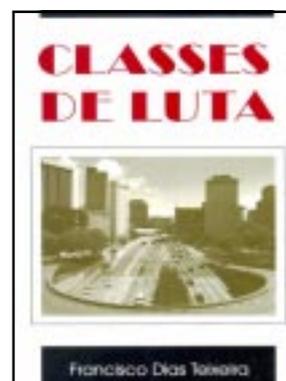
O homem deserto sob o Sol, poemas de Edivaldo de Jesus Teixeira, Associação Cultural LetraSelvagem, Coleção Sentimento do Mundo, volume 2, Caraguatatuba, SP, 104 páginas. O autor é advogado, poeta e Juiz do Trabalho. Segundo Olga Savary, *O homem deserto sob o Sol*, tendo como pano de fundo a esperança, desce o lutuoso tecido da solidão, compondo salmos, elegias, sonetos, cantos, canções, fugas, ressonâncias, vozes a denunciar que na sinfonia da vida o maestro acaba por se matar antes de alcançar a harmonia. **Associação Cultural LetraSelvagem:** Rua Manoel Borba Gato, 115 – Caraguatatuba – SP – 11662-050. Tel.: (12) 3883-5059. E-mail: letraselvagem@uol.com.br - Site: www.letraselvagem.com.br



O VELHO CASARÃO, de Cécile Tormay, tradução do húngaro e adaptação de Ildikó Sütö, Editora RBB, São Paulo, SP, 229 páginas. A tradução de obras literárias não se resume apenas em transladar o texto de uma língua para a outra ao pé da letra, requer uma lapidação das palavras e Ildikó Sütö sabe fazer com maestria. A obra narra a história de Kristóf Ulwing, um homem que com sua competência batalhou para obter fortuna e prestígio, o seu filho foi seu seguidor e o neto foi um aventureiro que desfrutou da fortuna herdada. **Editora Antroposófica:** Rua da Fraternidade, 174/180 - São Paulo – SP - 04738-020. Tel.: (11) 5686-4550. www.antroposofica.com.br



O CÉREBRO VIOLENTO: NEUROBIOLOGIA, COMPLEXIDADE E ÉTICA, de Ana Clélia de Freitas, Scortecci Editora, São Paulo, SP. A autora, membro da Rede Brasileira de Escritoras, é médica, escritora, poetisa e Mestranda em Ciências Criminais pela PUC-RS. A obra tem por objetivo estudar e situar a violência e o comportamento agressivo na complexidade da vida social, através dos neurotransmissores. Esses, por sua vez, afetam o comportamento humano e, atualmente, tornaram-se uma das chaves para desvendar o funcionamento cerebral. **Scortecci Editora:** www.asabeca.com.br/home.php - **Livraria da Lua:** www.livrariadalua.com.br/home.php

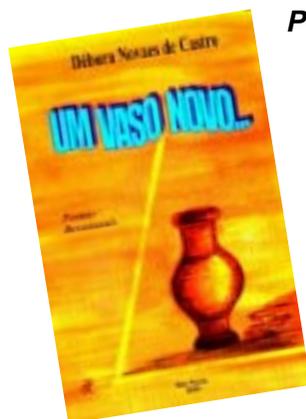


CLASSES DE LUTA, de Francisco Dias Teixeira, Scortecci Editora, São Paulo, SP. O autor, escritor, advogado e filósofo, é Subprocurador Geral da República, desde 2003. A obra abrange os conflitos das classes sociais e as inquietações de seus respectivos agentes, desde o pensamento singular de um pai de família de classe média-baixa até as ambições daquele que está em busca da ascensão financeira ou daquele que simplesmente procura alienar-se desses conflitos e buscar nada menos que a transcendência da condição humana. **Scortecci Editora:** www.asabeca.com.br/ **Livraria da Lua:** www.livrariadalua.com.br/home.php **Livraria Cultura:** www.livrariacultura.com.br



Revelações – Mitos, realidade ou sonhos, contos de Sueli de Conti Jorge, Edição dão autor, São Paulo, SP, 128 páginas. A autora, professora e escritora, que atua no Centro de Estudos de Língua no ensino de língua e literatura francesas, recebeu o Diplôme Approfondi de Langue Française, Sèvres – France. Segundo Lúcia Pires Storfer, professora de língua e literatura portuguesa, Sueli de Conti Jorge primando sempre pela boa leitura e perfeição da linguagem nos apresenta *Revelações – Mitos, realidade ou sonhos*. **Sueli de Conti Jorge:** www.suelideconti.com.br

Débora Novaes de Castro



Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - SINFONIA DO INFINITO – COLETÂNEA PRIMAVERA - CATAVENTO - AMARELINHA.

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO.

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS – ALJÓFARES – SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS –

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Opções de compra: via telefax (11) 5031-5463
Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo Cep 04634-040 -
E-mail: debora_nc@uol.com.br e Site: www.vipworkcultural.com.br

CONVICÇÃO IDEALISTA COM AMOR

Paulo Veiga

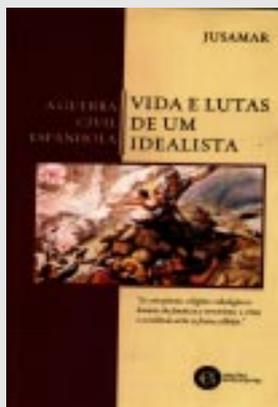
Veio parar em minhas mãos, via Rosani, fundadora do arauto cultural Linguagem Viva, a obra de Juan Sanz Martinez (Jusamar) que, por se tratar de memórias autobiográficas e com 455 páginas, por um momento, achei ser perda de tempo lê-la. Biografias, a meu ver, só despertam interesse ao leitor da égide a que pertence o autor, parentes e amigos. No entanto, deuse ao contrário, pois durante a leitura de Vida e Lutas de Um Idealista, desejava que a leitura não chegasse ao fim, dada a emocionante, trepidante e didática história do capítulo da Segunda Guerra Mundial.

Não evidenciarei o fantástico, a alegoria, a ecdótica, enfim. Sim em breve relato trazer os acontecimentos cruéis sofridos por um idealista ainda jovem e sonhador do impossível.

Com efeito, lutou por uma política libertária que, na bancada esquerdista, defendia-se de egoístas, de invejosos e de fisiologistas que, quando galgavam posições, os companheiros eram traídos pelos criptocomunistas, situação que, vencesse a esquerda ou a direita, os defensores do socialismo libertário, caso do autor, continuaria a sofrer com a exploração do homem pelo homem.

Na luta de seu ideário o autor passou fome, sedes, sofreu ferimentos, prisões, torturas, humilhações, mutilações psicológicas e físicas não só pelos antagonistas políticos, mas também pelo implacável inverno europeu, além de se submeter a duros trabalhos por tão pouco dinheiro perante o patrão ganancioso, isso quando conseguia o labor. A luta está documentada no livro, e o leitor ao lê-lo sentirá as torturas como se estivesse vivendo aquela realidade exposta pelo autor, inclusive com a participação de igreja por indiferente aos acontecimentos, alheia à ditadura de Franco.

Da dicotomia amor e revolução só a saga do autor no teatro da guerra, sem entrar na parte amorosa, tão comovente, é digna da atenção dos cineastas. Pois vejo a obra como um capítulo da Segunda Guerra Mundial e, muito mais visto



ainda, como Revolução Espanhola em que o autor dela ativa e amargamente participou. História que, como sobrevivente, foi capaz de descrevê-la. É mais história de fato cruel que autobiografia e, como tal, é obra didática por fiel aos acontecimentos sem apo-

logia; é real, e sem filodoxia.

Pois bem, se a saga vivida nos embates armados é digna de um instrutivo filme, a parte amorosa se não interagir ao filme, será digna de novela que, certamente, alcançará altíssima audiência. Com efeito, a pureza no amor foi mais forte que os sofrimentos pela fome, frio, perseguições e distância um do outro, que não laicizaram do amor a fiel enfermeira, vencedora dos obstáculos, que se tornou esposa do corajoso guerreiro.

Em outro contexto, porém mais fraco de moções, embora exaltado e condecorado pelo governo francês, lembra Apolônio que, deixado a Espanha, integrou, corajosamente, a Resistência Francesa, em saga de outra história contra o exército de Hitler.

Tenho certeza que o leitor absorverá as emoções durante a leitura e se inebriará ao ler JUSAMAR. No final, a tormenta será afastada pelo belo final, agora autobiográfico, o de amor.

Paulo Veiga, autor dos romances *Caçada Humana*, *Panteão*, *Este País Existe?*, é membro correspondente da Academia Fortalezense de Letras/CE.

HOMENAGEM A LUIZ TOLEDO MACHADO

Durante os 'anos de chumbo' da ditadura militar, um grupo de homens e mulheres comprometidos com a defesa da cultura nacional e dos direitos autorais dos escritores, sob a liderança do Prof. Dr. Luiz Toledo Machado, fundou o Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo, dando continuidade à incansável luta por um Brasil justo, livre e soberano, pela valorização da cultura nacional e pelo respeito aos direitos do autor. Quase 40 anos depois, movidos pelo reconhecimento e gratidão, queremos prestar as merecidas homenagens àquele que sempre esteve à frente do Sindicato, dedicando seu tempo, esforços e talento, para que este projeto de nação pudesse ser construído e executado.



Luiz Toledo Machado

DATA: 06 DE MARÇO DE 2008

HORÁRIO: 19:30 horas

LOCAL: Auditório do Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo
Rua Rego Freitas, 530 - Sobreloja / Vila Buarque (Estacionamento ao lado)

Cursos na Escola do Livro

A Escola do Livro promoverá os cursos *Formação do preço do livro*, *A arte de publicar um livro*, *Revisão - o trabalho com textos*, *Produção Visual e Gráfica para Produtos Editoriais*, que serão realizados nos meses de março e abril, na sede da Câmara Brasileira do Livro.

Formação do preço do livro, curso ministrado por José Antônio Rosa, doutorando em Comunicação/Marketing pela USP, acontecerá no dia 12 de março. Serão discutidos as particularidades de fixação de preços no segmento de livros e os conceitos de marketing e negócios associados ao estabelecimento de preços.

A arte de publicar um livro, curso ministrado por Maria Esther Mendes e João Scortecchi, que acontecerá no dia 14 de março, terá como tema o mercado editorial para pequenas empresas. Os palestrantes falarão sobre as novas tecnologias na área de impressão digital e como elas podem ser redutoras de custos e de estoque para novas editoras e autores independentes.

Revisão - o trabalho com textos, curso ministrado pela professora Maria Aparecida Bussolotti, mestre em Filologia e Língua Portuguesa - Crítica Textual pela USP, acontecerá nos dias 28 e 29 de março. Abordará o assunto passando desde a nomenclatura usada na área da revisão até o processo de preparação e copidesque do original.

Produção Visual e Gráfica para Produtos Editoriais, curso com 20 horas de duração, ministrado por Antônio Celso Collaro - professor da ESPM, acontecerá nos dias 7, 8, 9 e 11 de abril. O palestrante apresentará os meandros das produções visual e gráfica para a mídia impressa e abordados temas como fisiologia e psicologia da percepção.

Os cursos da Escola do Livro oferecem preços especiais aos associados da Câmara Brasileira do Livro e os associados de entidades congêneres, professores e estudantes têm 20% de desconto.

Informações e inscrições na Câmara Brasileira do Livro, Rua Cristiano Viana, 91, em São Paulo, estão com inscrições abertas através do telefone (11) 3069-1300, ramal 129, com Patrícia Ishimaru, ou pelo e-mail escoladolivro@cbl.org.br. Tel.: (11) 3069-1300.

Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - Cjs. 62/64 -
São Paulo - SP - 01318-903 Tel.: (11) 3107-7589



**Roupa
Européia**

Av. São Luís, 218 - 01046-000 - São Paulo - SP
Tels: (11) 3120-5820 - 3258-9105



Geraldo Jordão Pereira

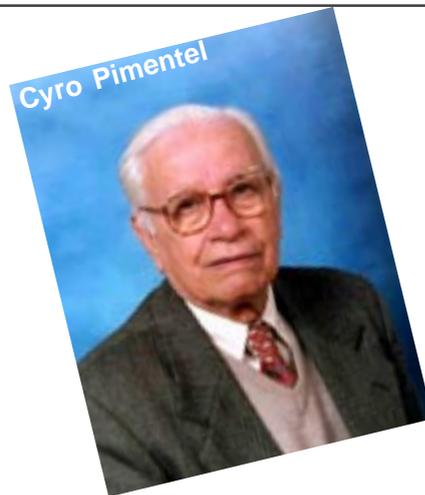
Geraldo Jordão Pereira, intelectual, editor e filho de José Olympio Pereira Filho, faleceu no dia 12 de fevereiro, aos 69 anos, vítima de um acidente vascular cerebral. Fundou, em 1976, a editora Salamandra, que era especializada em livros de arte e infantis. Em 1998, criou a Editora Sextante, que dirigiu com os filhos Marcos e Tomás.

O Consórcio Cruesp Bibliotecas lançou o portal <http://bibliotecas-cruesp.usp.br/unibibliweb/>, que reúne 188 mil livros eletrônicos do sistemas das bibliotecas da Universidade de São Paulo, da Universidade Estadual Paulista e da Universidade Estadual de Campinas.

Jeanete Beauchamp, Diretora de Políticas de Formação, Materiais Didáticos e Tecnologia para Educação Básica do MEC, proferirá palestra sobre a política do livro e leitura da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, no dia 29 de fevereiro na Escola do Livro. Inscrições através do e-mail escoladolivro@cbl.org.br ou pelo telefone (11) 30691300 - ramal 129, com Patrícia Ishimaru.

A Comgás prorrogou o prazo de inscrições até o dia 1 de março para patrocínio de projetos do novo Fundo de Patrocínio Sociocultural, que é destinado a livros de valor artístico, literário ou humanístico, entre outros. O valor mínimo do patrocínio será de R\$ 50 mil. O regulamento e inscrições e no site www.comgas.com.br.

Padre Antônio Viera comemorou no dia 6 de fevereiro o quarto centenário de nascimento. A Topbooks lançará a *História de Antônio Viera*, de João Lúcio de Azevedo, no primeiro semestre desse ano.



Cyro Pimentel, poeta e diretor da Academia Paulista de Letras faleceu no dia 8 de fevereiro, aos 82 anos, no Incor, em São Paulo. O autor de *Espelho de cinzas* e *Sigmo terrestre* iniciou sua carreira literária em 1940.

A 45ª Feira do Livro Infantil de Bolonha acontecerá de 31 de março a 3 de abril. O estande brasileiro será organizado pela Câmara Brasileira do Livro, que apóia o evento.

Gioconda Belli, escritora nicaragüense, com a obra *El Infinito en la Palma de la Mano*, foi agraciada com o *Prêmio Biblioteca Breve*, promovido pela editora espanhola Seix, no valor de R\$ 30 mil.

Machado de Assis será homenageado pelo Portal Domínio Público www.dominiopublico.gov.br, em conjunto com a Universidade Federal de Santa Catarina, que publicará as obras do autor de *Dom Casmurro* em formato digital. 42 títulos da obra machadiana poderão ser baixados gratuitamente pela Internet. O lançamento está previsto para o dia 29 de novembro, data do centenário de seu falecimento.

Carlos Walter Porto-Gonçalves, escritor brasileiro, foi agraciado pela 49ª edição do prêmio literário *Casa das Américas 2008* com a obra *A globalização da natureza e a natureza da globalização*.

Profa. Sonia

Revisão - Digitação

Aulas particulares

portsonia@ig.com.br

Tel.: (11) 6096-5716

Notícias

A Rede de Escritoras Brasileiras, presidida por Joyce Cavalcante, e a Associação Nacional de Livrarias lançaram o *Projeto Mulheres em Destaque nas Livrarias*, em comemoração ao Dia Internacional da Mulher. O projeto tem como objetivo mobilizar as livrarias do país a exporem em suas vitrinas, gôndolas e pontos de destaque, exclusivamente livros de autoria de escritoras brasileiras, de 2 a 9 de março.

Lêdo Ivo, membro da Academia Brasileira de Letras, foi convidado pelo Itamaraty para representar o Brasil no *IV Festival Internacional de Poesia de Granada*, na Nicarágua, que aconteceu no dia 12 de fevereiro no Centro de Estudos Brasileiros da Embaixada do Brasil em Manágua.

Jorge Caldeira, escritor e historiador, foi eleito para ocupar a cadeira nº 18 da Academia Paulista de Letras, que foi ocupada por Rubens Teixeira Scavone. O autor de *Mauá, empresário do Império* tomará posse com data a ser marcada oportunamente.

Teu País Está Feliz, espetáculo poético musical de Antonio Miranda e Xulio Formoso, será encenado em São Paulo em breve.

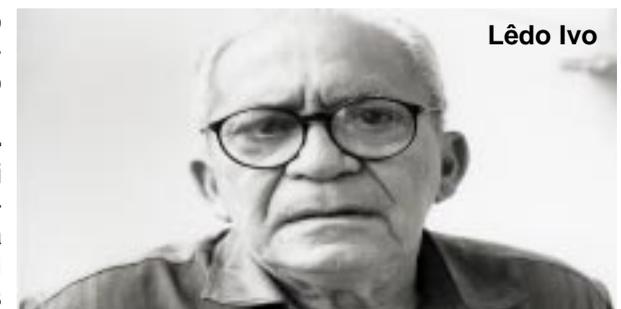
Luis Eduardo Mendes, Economista formado pela Universidade Estadual Paulista e Especialista em Marketing pela Fundação Getúlio Vargas, é o novo diretor executivo da Câmara Brasileira do Livro. Ele exerceu o cargo de Secretário Municipal de Cultura de Ribeirão Preto e foi co-responsável pela implantação do Programa Ribeirão das Letras, que foi reconhecido, em 2003, pela Fundação Banco do Brasil como um dos melhores projetos sociais do País. Luis Eduardo Mendes foi Gerente Executivo do Comitê do Ano Ibero-Americano da Leitura, o *Vivaleitura 2005*, que foi instituído pela Unesco, Organização dos Estados Ibero-americanos - OEI Ministérios da Cultura e Educação.

Programa Nacional Biblioteca da Escola para o Ensino Médio, uma das ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), lançado em abril de 2007, distribuirá 3,4 milhões de livros para 17 mil bibliotecas de escolas públicas de ensino médio. O acervo é composto de 139 títulos que são selecionados pela Secretaria de Educação Básica e pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

O Espaço Cultural Alberico, localizado na Praça Benedito Calixto, 159, em São Paulo, a partir de 10 de fevereiro passará a abrir aos domingos. www.espacoalberico.com.br - E-mail: espacoalberico@espacoalberico.com.br

O 1º Salão Internacional do Livro da Amazônia acontecerá de 28 de março a 6 de abril. Informações através do site www.rpsfeiras.com.br.

A Edição Completa de Os sermões, de Padre Antonio Vieira, reorganizada em oito volumes, será lançada por Edições Loyola no segundo semestre. A edição terá a introdução de Alcir Pécora, que é especialista em Padre Antonio Vieira.



Lêdo Ivo

O Ministério da Cultura está cadastrando propostas culturais que solicitem incentivos fiscais previstos na Lei 8.313/1991 - Lei Rouanet, de demanda espontânea ao Fundo Nacional da Cultura e de emenda parlamentar, de todas as áreas e segmentos. informações: projetoweb@minc.gov.br

O Centro Universitário Maria Antonia realizará encontros com o professor de Literatura Brasileira na USP, Luiz Roncari, nos dias 10, 17 e 24 de março. Informações pelo telefone (11) 3255-7182 - ramais 32 e 33 ou pelo e-mail cursonma@usp.br.

Odilon Nogueira de Matos, doutor em Ciências Sociais pela Escola de Sociologia e Política, faleceu no dia 17 de fevereiro, em Campinas. Foi membro da Academia Paulista de Letras, onde ocupou a cadeira nº 22; da Academia Paulista de História e da Academia Paulista de Jornalismo. Como professor universitário, lecionou na Universidade de São Paulo, PUC, Fundação Cásper Líbero, UNESP e na PUC de Campinas. Natural de Piratininga (SP), pertenceu a diversas associações culturais, literárias e de história.

Linguagem Viva

Novo Telefone a partir

do dia 15 de março:

2693-0392